

## INTERAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO: ações humanas e seus vestígios em elementos urbanos

*INTERACTION AND RESIGNIFICATION: human actions and their traces in urban elements*

SILVA, Mônica Pires da; Mestranda; Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)  
monicapires.arqdesign@gmail.com

MEDEIROS, Wellington Gomes de; Doutor; Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)  
wellingtondemedeiros@gmail.com

### Resumo

Este artigo descreve o estudo sobre a resignificação de elementos urbanos como vestígios das interações executadas por pessoas no espaço livre público do Açude Velho em Campina Grande - PB. O estudo parte da compreensão do espaço para a execução de atividades que provocam interações espontâneas com os elementos dele constituintes, segundo uma necessidade imediata resultando em mudanças da função e do significado atribuídos aos artefatos. O local investigado na pesquisa foi um espaço de relevância social e cultural com alto fluxo de pessoas, proporcionando usos distintos. Os procedimentos metodológicos incluem: levantamento de dados, análise e classificação de fotografias das interações ocorridas no espaço. O estudo conclui que os elementos urbanos no espaço analisado são objetos de resignificações segundo o tipo de interação e uso, e apresenta alguns conceitos para a identificação das ações praticadas pelos usuários.

**Palavras Chave:** Interação, resignificação, design urbano.

### Abstract

*This article is a study concerning the resignification of urban elements as vestiges of interactions carried out by individuals within the public open space of Açude Velho in Campina Grande. The study is grounded in an understanding of space for the execution of activities that elicit spontaneous interactions with its constituent elements, driven by immediate necessities, thereby resulting in alterations of the function and significance ascribed to the artifacts. The locale in the research constitutes a socially and culturally significant space characterized by a high influx of individuals. Methodological procedures encompass data collection, analysis, and classification of photographs capturing the interactions transpiring within the space. The study concluded that the urban elements within the scrutinized space undergo resignification contingent upon the type of interaction and usage, and it proffers several conceptual frameworks for the discernment of actions undertaken by users.*

**Keywords:** Interaction, Resignification, Urban design

## 1. Introdução

A cidade e os elementos que a compõem sofrem ações diárias por seus habitantes, desde a construção de uma nova calçada à colagem de uma propaganda em uma parede. O meio urbano é complexo, bem como as interações entre as pessoas e delas com o local onde vivem, redefinindo constantemente sua configuração e identidade.

O espaço livre público é parte integrante da cidade, capaz de promover benefícios para as relações sociais e favorecendo atividades com numerosas finalidades. Ao realizarem suas atividades, as pessoas conscientemente ou supostamente inconscientemente, interagem com as coisas ao seu redor atendendo a uma necessidade imediata, como se sentar em um banco para conversar com um amigo, jogar algo em uma lixeira, ou mesmo se apoiar em um poste.

O designer e o projetista do espaço compõem o grupo de profissionais que desenvolvem os componentes para interação que objetivam satisfazer as necessidades cotidianas dos transeuntes. Os estudos de ciência comportamental aplicados em design de produto auxiliam os designers a entenderem como as mentes dos usuários funcionam. Não exige design neutro, principalmente no que se refere à constituição simbólica das coisas, pois o contexto do ambiente contribui para a constituição do comportamento do usuário (Hassan *et al.*, 2022, p. 4 tradução nossa).

Isso ocorre porque a dimensão física do design e os elementos urbanos são compostos e instauram significados tanto atribuídos intencionalmente por meio de sua criação quanto em decorrência do tempo, da cultura ou pela ação dos usuários. Neste sentido, a teoria dos significados para artefatos em uso, desenvolvida por Krippendorff (2006, p. 77 tradução nossa), trata de como os usuários individualmente entendem e interagem com os objetos, seguindo seus próprios termos e razões.

Esta pesquisa partiu da necessidade de observar como as pessoas interagem com os elementos próximos a elas em um espaço público urbano e como essa interação pode provocar novas atribuições e significados aos elementos previamente existentes, sejam planejados ou naturais. O local utilizado para a execução do estudo foi o Açude Velho, localizado na cidade de Campina Grande, na Paraíba, devido à centralidade espacial, relevância cultural e ao alto fluxo de pessoas de distintas origens socioeconômicas.

O estudo teve por objetivo investigar as interações urbanas por meio da classificação das ações e de seus vestígios observados nos elementos presentes na orla do espaço. Inicialmente, foi importante compreender o espaço investigado e sua utilização, explorando o entendimento sobre as atividades cotidianas e usos no meio urbano, estabelecendo também os significados prévios de seus elementos para depois identificar os significados atribuídos espontaneamente pelos usuários. Por meio de registros fotográficos, o espaço físico foi detalhadamente estudado, identificando o layout da área, seus elementos e as interações ocorridas no local. Utilizando procedimentos metodológicos relacionados ao estudo da vida pública e à análise da imagem, as interações foram classificadas com o intuito de compreender os usos no local e as possíveis ressignificações.

## 2. O espaço urbano e a atividade humana

Ao observarmos um determinado local em uma cidade, vivenciamos a percepção da paisagem urbana daquele contexto. Isto porque a morfologia da paisagem resulta da relação entre processos de suporte e processos sociais e culturais (Magnoli, 2006, p. 178). Segundo Lynch (1997,

p. 51–53), as partes resultantes da morfologia são componentes da imagem da cidade (Quadro 1).

Quadro 1 - Elementos da imagem da cidade.

<b>Vias</b>	Canais de circulação pelos quais os observadores se locomovem.
<b>Limites</b>	Elementos não utilizados entendidos como vias para os observadores. Praias, margens, cortes de ferrovia, espaço em construção, muros e paredes.
<b>Bairros</b>	Extensões médias ou grandes de uma cidade, apresentando-se bidimensionalmente.
<b>Pontos nodais</b>	Locais estratégicos onde o observador pode entrar, pontos intensivos onde ele pode ir em direção ou sair dele.
<b>Marcos</b>	São outro tipo de referência, porém o observador não pode entrar no espaço. Como torres e montanhas ou próximos como edifícios

Fonte: Adaptado de Lynch (1997, p. 51–53).

Outro elemento a ser citado entre os componentes da paisagem é o espaço livre, sendo os locais e não edificados (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz). A qualidade do espaço urbano de forma geral é influenciada pela configuração física do espaço livre público (Magnoli, 2006, p. 179).

Outros autores tratam a mesma temática com nomes alternativos, como “ambiente público aberto” (Quadro 2) sendo aqueles não edificados, classificados segundo seu uso e como as pessoas ocupam esses lugares Halprin (1972 apud Daroda, 2012, p. 25).

Quadro 2 - Espaços urbanos que estruturam o ambiente público aberto.

<b>Ruas</b>	Foco na atividade de vizinhança.
<b>Ruas de comércio</b>	Essencialmente locais para comércio.
<b>Praças Menores</b>	Confluência das ruas. Espaços que podem dar um sentido de lugar ao espaço urbano, transformando-se em um foco referencial e de uso/vitalidade para a vizinhança.
<b>Praças Maiores</b>	Símbolos cívicos.
<b>Parques de vizinhanças</b>	Locais com muita área verde e pouca pavimentação.
<b>Parques Centrais</b>	Grandes parques verdes da cidade que podem ajudar a manter o balanço ecológico.
<b>Margens</b>	Espaços abertos acessíveis a todos os moradores e possíveis de serem exploradas para o lazer.

Fonte: Halprin (1972 apud Daroda, 2012, p. 25).

A partir das informações apresentadas, é possível interpretar que a configuração e as propriedades físicas do espaço, além de sua localização no contexto espacial da cidade, podem ser ocupados por públicos diversos, acarretando diferentes modos de utilização. As pessoas realizam

várias atividades no meio urbano que, segundo Jan Gehl (2009, p. 17–18 tradução nossa), podem ser identificadas da seguinte forma:

- i. Atividades necessárias: são de alguma forma obrigatórias. Ir ao colégio, esperar o ônibus ou alguma pessoa e ações do tipo. São atividades rotineiras, as pessoas realizam por necessidade e não por desejo. Portanto, a qualidade física do espaço não interfere consideravelmente;
- ii. Atividades opcionais: surgem a partir do sentimento de desejo e se houver condições favoráveis de clima e lugar. Dar um passeio para tomar um pouco de ar fresco, passar o tempo desfrutando a vida ao sentar e outras;
- iii. Atividades sociais: essas são tratadas pelo autor como resultantes, uma vez que dependem da presença de outras pessoas nos espaços públicos, como saudações, conversas e jogos infantis.

Não existe garantia de que ocorra atividade no meio urbano como consequência da mera implementação de equipamentos planejados. É necessário que os equipamentos tenham boa qualidade para provocar maior afluência de pessoas para a execução de atividades opcionais e sociais (Gehl, 2009, p. 18 tradução nossa). Os espaços urbanos podem proporcionar o uso a partir da identificação dos tipos de atividades realizadas pela população, ou podem ser projetados considerando usos, funções e demandas específicas. Leitão (2002 apud Daroda, 2012, p. 25–26), apresenta oito funções que podem ser desenvolvidas no espaço público (Quadro 3).

Quadro 3 - Funções que podem ser desenvolvidas nos espaços públicos.

<b>Esportiva</b>	Destinados à prática de esportes ativos, sejam eles coletivos ou individuais;
<b>Lazer</b>	Reservados para proporcionar ao usuário diversão ou momentos de ócio; áreas reservadas para o usuário poder desfrutar do seu tempo livre;
<b>Contemplação</b>	Onde o usuário pode observar a paisagem, seja ela interna ou externa ao espaço público;
<b>Descanso</b>	Proporcionam ao usuário a possibilidade de descansar. Nem sempre são espaços dotados de mobiliário urbano bancos;
<b>Educativa</b>	Contemplam ambientes destinados ao desenvolvimento de atividades ligadas a programas de educação
<b>Estética</b>	Em função das qualidades estéticas e formais e da diversidade, contribuem para a boa forma da cidade;
<b>Estar</b>	O usuário realiza jogos passivos, atividades que lhes dão prazer como conversar com os amigos, ler, comer, passar o tempo;
<b>Festa</b>	Espaços reservados a eventos populares, celebrações tanto de caráter religioso quanto cívico.

Fonte: Adaptado de Leitão (2002 apud Daroda, 2012, p. 25–26).

De acordo com Macedo (1995, p. 41), a constituição morfológica urbana é derivada da

conjuntura de apropriação de parcelamento na qual a morfologia urbana é um resultado implementado pelo meio social. A imagem ambiental resultante é dividida por Lynch (1997, p. 9) entre os componentes de identidade, estrutura e significado.

Primeiramente, considerando os aspectos de individualidade, a identidade está na identificação do objeto como diferente dos demais, portando capacidade de ser reconhecido separadamente. Em segundo lugar, a imagem deve ter “relação espacial ou paradigmática do objeto com o observador e os outros objetos”. E finalmente, o objeto (prático ou emocional) deve apresentar algum significado para o observador, esse significado também é considerado uma relação, porém em um campo distinto ao pragmático.

### 3. Ressignificação dos elementos

Uma criança brincando de “corda-bamba” no paralelepípedo, uma senhora apoiando o guarda-chuva no antebraço, e uma jaqueta estendida no encosto de uma cadeira são exemplos de elementos foram ressignificados pelas ações imediatas das pessoas. As investigações sobre os significados referentes à semântica do produto foram apresentadas por Reinhart Butter e Klaus Krippendorff tendo o produto como preocupação inicial no estudo das qualidades simbólicas das coisas como uma ferramenta de design (Krippendorff, 2006, p. 1 tradução nossa).

Os primeiros trabalhos na área indicavam que o significado do produto importava mais que a sua função, mostrando que os humanos veem e agem pelo significado que coisas têm para eles e não meramente pela percepção de suas qualidades físicas. Contudo, “significado” per se não basta para entender o valor simbólico atribuído ao elemento, sendo também necessário compreender os conceitos essenciais constituintes da complexidade da interação no âmbito semântico: sentido, significado e contexto (Krippendorff, 2006, p. 50–59 tradução nossa); definições exibidas a seguir.

Quadro 4 - Definições de sentido, significado e contexto

Sentido	Significado	Contexto
Sentido é a sensação de estar em contato com o mundo sem reflexão, interpretação ou explicação. Visão, audição, tato, paladar, olfato e cinestesia são os meios primários do sentido. O sentido também é informado por disposições, necessidades e expectativas, incluindo emoções como reações do corpo.	O significado restaura as diferenças percebidas entre o que é sentido e o que parece estar acontecendo. Decorrente da percepção, surge na consciência da possibilidade de diferentes modos de interpretação. Não é fixo ou intrínseco à materialidade e é invocado pelo sentido que é sempre parte do que ele invoca.	O contexto limita o número de significados, que normalmente são polissêmicos. Artefatos também significam coisas diferentes em situações diferentes e para pessoas diferentes. Os significados resultam da percepção de algo no contexto de outra coisa. A recontextualização muda significados.

Fonte: Adaptado de Krippendorff (2006, p. 50–59 tradução nossa).

Krippendorff (2006, p. 60 tradução nossa), explica que não percebemos significados, mas seus efeitos sobre o comportamento humano. Portanto, podemos especular que o significado de algo não é rígido, podendo sofrer ressignificações a partir de quem, como e em qual contexto um elemento esteja sendo observado.

Ainda que as pessoas usem os elementos por intermédio de seus significados e não por seus

atributos materiais, as qualidades e configurações físicas podem fornecer indícios que funcionam como gatilho para outros significados, remetendo a outros objetos ou indicando possíveis interações. Norman (2006, p. 33) adapta o conceito de *affordance* de Gibson para o design afirmando que sendo “as propriedades percebidas e reais de um objeto, principalmente as fundamentais que determinam de que maneira o objeto poderia ser usado”. Portanto, o *affordance* de uma coisa possibilita a interpretação de uma gama de significados para aquela mesma coisa, podendo utilizações espontâneas. Essas ações são consideradas acidentais para Hassan et al. (2022, p. 1 tradução nossa), sendo apresentadas como comportamento não intencional, afirmando que elas proporcionam uma vida humana significativa e conveniente.

Jakaitis e Zukas (2018, p. 85 tradução nossa) esclarecem que estudos interdisciplinares permitem identificar princípios e otimização da interação intuitiva. Assim, aprimorando o design funcional e estético do ambiente material, uma vez que as áreas urbanas públicas não têm outra finalidade a não ser garantir a comunicação humana e atender às necessidades sociais, culturais e de segurança. Os significados resultantes da interação intuitiva com o ambiente são fatores humano e cognitivo relevante na convivência do espaço público, aspectos materiais como maior dimensão não necessariamente acarretam experiências positivas no que se refere às emoções vivenciadas pelos usuários do local, existindo fatores de dimensões subjetivas a serem considerados (Agustí; Lladós, 2022, p. 90–91 tradução nossa).

Portanto, as atividades realizadas por pessoas em espaços públicos urbanos e a consequente experiência emocional dependem da qualidade dos aspectos físicos e de aspectos subjetivos presentes e provocados no local. Os mesmos elementos inseridos no espaço podem ser interpretados e utilizados de formas distintas, dependendo do comportamento e do repertório de cada indivíduo ao observar o elemento, associado à necessidade imediata de utilização. Atributos urbanos bem planejados permitem a possibilidade da ocorrência de variedade de interações e usos que vão além das atividades obrigatórias, estando aberta e flexível à imprevisibilidade da ação e das ressignificações, sendo, assim, fundamental para a convivência humana e humanizada em nossas cidades.

#### 4. Recorte urbano

O ambiente explorado pelo estudo foi as margens urbanizadas do Açude Velho (Figura 1), localizado no centro da cidade de Campina Grande, na Paraíba. Devido a sua importância cultural para o estado, é um patrimônio tombado pelo IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba) com registro no Decreto nº 22.245, de 21/09/2001 (Ipatrimônio, 2018).

Figura 1 - Imagem de satélite do Açude Velho.



Fonte: Autoria própria a partir de Google Earth (2023).

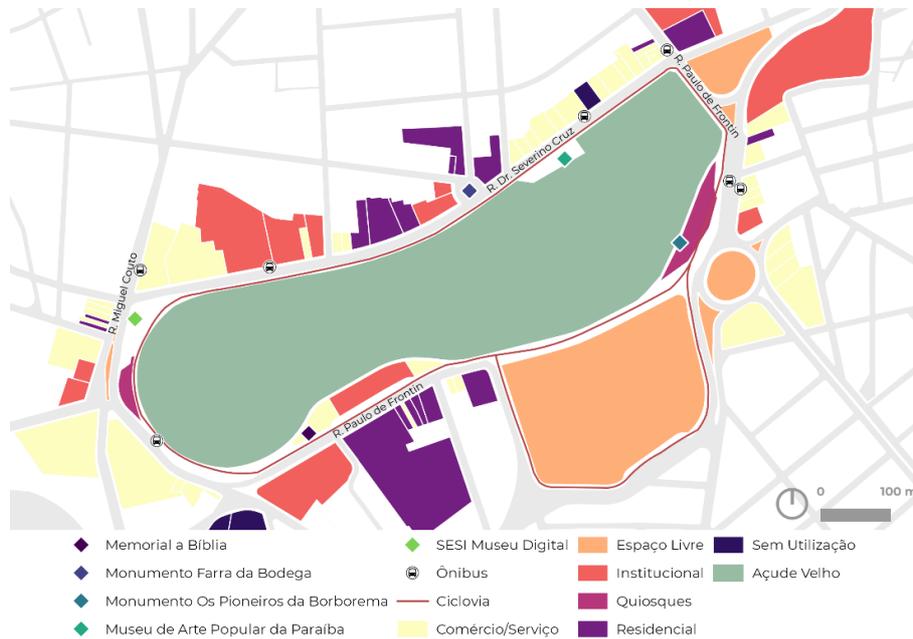
Conforme Barros (2017, p. 31), a construção desse corpo hídrico foi realizada no ano de 1828, servindo inicialmente como abastecimento de água. Foi então em 1942, inaugurado o cais “modernista” circular no açude devido à visibilidade que o espaço adquiriu na época (Cabral 2009 apud Barros, 2017, p. 38).

Considerando que os marcos em uma cidade são pontos de referência que estão “externos ao observador” (Lynch, 1997, p. 53), o Açude Velho e, suas “Margens” (Quadro 2), é um marco na cidade de Campina Grande com características distintas que o fazem parte da memória afetiva e histórica da população. Não é possível entrar nas águas do Açude, porém, estão disponíveis para contemplação por parte dos visitantes do local. A orla possui tratamento de urbanização que o permite realização de turismo e as demais funções citadas no Quadro 3.

A fim de mapear os locais de convivência no entorno do Açude Velho, foi realizado o levantamento do entorno imediato do Açude Velho (Figura 2). Predominantemente, o local é ocupado por instalações comerciais e de serviços. Entretanto, há também edificações para uso residencial e institucional, além de monumentos e museus, proporcionando atratividade cultural e turística. O serviço alimentício está instalado em quiosques e barracas efêmeras, ocupando duas zonas: uma em cada extremidade do local. Completando a ocupação, há estacionamentos e vias principais.

Existe uma alta concentração de pessoas realizando principalmente atividades esportivas, contemplativas e outros meios de lazer. A maioria é encontrada nos estabelecimentos comerciais e de serviços próximos ao Museu de Arte Popular da Paraíba, aos quiosques localizados no entorno do Monumento Os Pioneiros da Borborema, e próximos ao SESI Museu Digital. O uso esportivo do espaço é estimulado por uma academia popular ao ar-livre, local para prática de *skate* e uma ciclovia. O principal recurso da área é a calçada que contorna toda a extensão, comumente utilizada para caminhadas e corridas.

Figura 2 - Mapa de Marcos e Uso e Ocupação do entorno do Açude Velho



Fonte: Autoria própria (2023). Base dos mapas: PMCG (2010) e IBGE (2019).

O Açude Velho é um espaço livre público localizado no coração histórico da cidade, possuindo entorno com uso diversificado e muitas vias de acesso. Devido ao alto fluxo de pessoas de diversas faixas etárias para o exercício de atividades, e considerando os equipamentos, o local é palco para múltiplas interações humanas com os elementos presentes no espaço, adequado para realização dessa pesquisa.

## 5. Procedimentos metodológicos

A pesquisa consistiu em um estudo de campo, visando investigar as interações urbanas por meio da classificação das ações e de seus vestígios. Foi realizada em cinco fases, sendo a primeira derivada do método de estudo da vida pública por Gehl e Svarre (2013), seguida da inserção das quatro fases do modelo básico analítico apresentado por Collier (2001), além de como, analisar imagens por meio de conceitos apresentados por Rose (2016).

### 5.1. Primeira fase: Levantamento de dados

Em “How to study public life” (Como estudar a vida pública), Gehl e Svarre (2013) apresentam ferramentas para serem utilizadas no estudo do espaço e pessoas que o ocupam. Para esse estudo foram selecionadas três, exibidas no Quadro 5.

Quadro 5 - Ferramentas para estudar a vida pública.

Ferramentas	Descrição
Procura de vestígios	A atividade humana muitas vezes deixa vestígios como lixo nas ruas, manchas de terra na grama, entre outras, o que dá ao observador informações sobre a vida na cidade. Estes vestígios podem ser registados através da contagem, de fotografias ou por mapeamento.
Fotografias	Fotografar é uma parte essencial dos estudos da vida pública para documentar situações nas quais a vida e a forma urbanas interajam ou falha em interagir após iniciativas terem sido tomadas.
Caminhadas teste	Fazer uma caminhada observando a vida do entorno pode ser mais ou menos sistemático, mas o objetivo é que o observador tenha a chance de notar problemas e potencialidades para a vida urbana em um determinado trajeto.

Fonte: Adaptado de Gehl (2013, p. 24, tradução nossa).

Aqui tem-se como foco observar diretamente as interações durante a realização das atividades e os vestígios de usos dos elementos no espaço urbano, não o elemento em si, sendo em alguma medida útil para a reflexão da prática ou da teoria do design. Portanto, para o levantamento qualitativo dos dados necessário, foram utilizadas as ferramentas de procura de vestígios, fotografias e caminhadas teste.

## 5.2. Segunda fase: Observação

Após a primeira fase, é importante observar as situações na totalidade, identificando e anotando nas imagens. É importante anotar as perguntas que podem surgir durante a observação, possibilitando um direcionamento para uma análise aprofundada (Collier, 2001, p. 39 tradução nossa).

## 5.3. Terceira fase: Agrupamento

Por meio da observação, produzir um inventário ou um registro de todas as imagens, criando categorias que afetem e auxiliem nos objetivos de pesquisa (Collier, 2001, p. 39 tradução nossa). Os autores afirmam que a “análise dos registros visuais da experiência humana é uma busca de padrão e significado, complicada e enriquecida pelo nosso inescapável papel de participantes dessa experiência”. As imagens só podem ser analisadas se houver o estabelecimento de anotações e relações contextuais, além de considerar as limitações da imagem.

Acerca das imagens, elas devem ser observadas constantemente, “agrupadas inicialmente em uma ordem que se aproxime das relações [...] contextuais do assunto que refletem”. Após entender como está organizado esse conjunto de relações, as imagens podem ser agrupadas em outras estruturas, propiciando comparações entre situações semelhantes e contrastantes (Collier, 2001, p. 40 tradução nossa).

#### 5.4. Quarta fase: Classificação

Esta fase consistiu da estruturação da análise cujo objetivo foi classificar os dados obtidos por meio de perguntas específicas analisadas pela técnica da listagem (Collier, 2001, p. 39 tradução nossa). Portanto, os agrupamentos realizados anteriormente favoreceram a correspondência com a classificação apresentada por Suri (2005) que realizou estudo por meio da fotografia para a identificação de tipos de interações com o meio, assim definidos: reagir, responder, associar, explorar, adaptar, conformar e sinalizar.

#### 5.5. Quinta fase: Resultado

A última fase do modelo de análise de Collier (2001) visa colocar os dados em um contexto, procurando identificar sua relevância, restabelecer o contexto, visualizar imagens na íntegra e escrever conclusões (Collier, 2001, p. 39 tradução nossa). Portanto, esta fase consiste na apresentação do tratamento final dos dados, resultantes das fases anteriores, com a incorporação das informações que definam o contexto e as observações obtidas, inseridas por meio de uma classificação. Para a análise da composição dos elementos da imagem e seu contexto, foram utilizados os autores Rose (2016, p. 56–84) e Collier (2001, p. 35–60).

O método utilizado objetivou coletar, analisar e organizar em categorias as diversas maneiras de interação das pessoas com os elementos nos espaços públicos pré-selecionados. Os resultados poderão ser utilizados por designers, arquitetos e urbanistas para a formulação de projetos de produtos e espaços, considerando as diversas interações que o público vivencia com os elementos.

### 6. Resultados e discussão

Aplicando os procedimentos metodológicos explicados anteriormente, foram selecionadas 7 imagens obtidas nas observações das interações (e de seus vestígios) com os elementos presentes na região do Açude Velho. Os registros foram classificados em sete categorias desenvolvidas por Suri (2005) descritos nos itens a seguir: reagir, responder, associar, explorar, adaptar, conformar e sinalizar.

Cada figura a seguir apresenta duas partes complementares: (A) o “Contexto do Registro” para compreensão do espaço no momento do registro fotográfico; e (B) o elemento ou a ação específica submetida à “Análise”. O texto correspondente a cada imagem está acompanhado de explicação sobre o contexto e a análise, seguido por especulações acerca do motivo da situação apresentada. Uma vez que não é possível observar significados, mas seus efeitos (Krippendorff, 2006 tradução nossa), foi inserida reflexão sobre as ressignificações das ações e seus vestígios.

#### 6.1. Reagir

Segundo Suri (2005, p. 7 tradução nossa), reagimos e “interagimos automaticamente com objetos e espaços que encontramos”.

Figura 3 - Reagir



(A)Contexto



(B)Análise

Fonte: Acervo pessoal (2023).

A Figura 3(A) foi registrada ao pôr do sol, em frente a área técnica do Museu de Arte Popular da Paraíba. É observado na imagem quatro planos: o primeiro composto por uma parede para suporte técnico; o segundo um grupo de três pessoas conversando; o terceiro por um rapaz cuja ação foi o objeto de análise; e o quarto o prédio do museu como plano de fundo.

A área técnica do museu está localizada no nível abaixo do térreo, com um espaço aberto no solo que demanda a proteção pública por um guarda-corpo feito de vidro com corrimão metálico, cuja função primária é conter o avanço de pessoas e objetos para que não caiam no nível inferior. Devido à sua função, normas estabelecem alturas, geralmente o tamanho de um adulto mediano e o espaço a ser inserido são as principais referências, resultando em média de 1,10 m de altura.

Analisando a Figura 3(B), observa-se um homem adulto trajando camiseta, bermuda e tênis. É possível interpretar que está realizando uma pausa na atividade de lazer, por usar fones de ouvido e está em cima de um *long board* (tipo de *skate*) apoiando-se no guarda-corpo. Considerando a altura e o apoio do guarda-corpo, ele se tornou o elemento perfeito para o homem se apoiar para um breve descanso, enquanto deixa seu *long board* em proteção sob seus pés.

Considerando a situação ilustrada, é possível perceber que o usuário reagiu à característica do corrimão em favor de uma necessidade imediata, o descanso durante uma atividade física. O corpo é elemento ativo, enquanto os elementos urbanos são passivos na interação. Essa observação (o corpo como agente ativo e os elementos como agentes passivos) é válida para as demais análises a seguir.

## 6.2. Responder

Algumas qualidades e características das coisas que estão acessíveis em um determinado momento fazem as pessoas se comportar particularmente (Suri, 2005, p. 37 tradução nossa).

Figura 4 - Responder



Fonte: Acervo pessoal (2023).

A Figura 4(A) foi registrada na área de quiosques do entorno do Monumento aos Pioneiros da Borborema, às margens do Açude Velho. Os donos dos quiosques, dispõem aos clientes, mesas e cadeiras com suporte de guardanapos. Alguns desses comerciantes colocam esses objetos próximos à barreira do açude e embaixo de árvores para promover contemplação da paisagem e sombreamento, indicando uma atitude de aproveitamento das sombras das árvores por parte do comerciante para usufruto dos clientes, o que pode ser classificado como “reagir”, como relatado anteriormente. Contudo, alguns dos espaços onde são dispostos esses artefatos, não foram planejados para tal uso, não havendo mobiliário de apoio como lixeiras ou piso intertravado, estando em solo natural.

A Figura 4(B) é um recorte da Figura 4(A) destacando uma garrafa descartável de água de 500ml encaixada entre os galhos. A pessoa que realizou essa ação conseguiu encontrar, dentre os muitos galhos retorcidos, um espaço vazio favorável ao encaixe do tamanho preciso da garrafa. Presume-se que na falta de lixeiras por perto, o utilizador inserir a garrafa nesse vão a deixar sobre a mesa, ou até mesmo carregá-la até uma lixeira mais próxima.

O caso ilustra uma situação da pessoa às condições do ambiente. Ocorreu uma apropriação das qualidades favoráveis, embora imprevistas, à necessidade de apoiar a garrafa. O usuário respondeu ao que o contexto proporcionou para a solução de uma necessidade.

### 6.3. Associar

Fazemos associações entre o que conhecemos e o que se apresenta de imediato segundo as oportunidades disponíveis no nosso entorno (Suri, 2005, p. 61 tradução nossa).

Figura 5 - Associar



(A)Contexto



(B)Análise

Fonte: Acervo pessoal (2023).

A orla do açude é composta por um piso de intertravado de cores diferentes, dividido em duas zonas: ciclovia de intertravado vermelho, uma faixa de delimitação com duas linhas de intertravado preto e a calçada para pedestres composta por intertravado cinza com outras cores. As cores permitem o entendimento de qual uso deve ser relacionado a cada espaço.

A imagem na Figura 5(A) consiste em uma sequência de pisos intertravados com uma faixa de grama, seguido de estacionamento, faixa de rolamento de veículos e edificações no plano de fundo. Na faixa de grama, próxima à ciclovia, há uma sequência de palmeiras e postes metálicos circulares. Em um dos postes está uma bicicleta amarrada com corrente metálica (Figura 5B).

A bicicleta presa a um poste é um indicativo de zelo pelo bem material. Embora exista um fluxo constante de ciclistas utilizando a ciclovia do Açude Velho, não foram identificados paraciclos ou bicicletários no local. Os únicos bicicletários encontrados são para uso privado e estão localizados em um quiosque próximo ao SESI Museu Digital. Um dos artefatos destinados para o ciclista é a trava de bicicleta, geralmente um cabo de aço com cadeado revestidos por polímero. No caso registrado aqui, o portador da bicicleta associou um cadeado comum e uma corrente metálica a trava de bicicleta, bem como utilizou o poste em associação ao paraciclo.

O caso ilustra a possibilidade associativa referente à necessidade imediata e à interação intuitiva conforme as demandas de uso. A associação foi realizada para uso direto do objeto, sem a presença do usuário. É observado as associações utilitárias ao elemento urbano, onde o objeto é o agente ativo na interação, embora a associação tenha sido executada pelo usuário.

#### 6.4. Explorar

Explorar o que está disponível no momento da interação significa aproveitar as qualidades físicas e mecânicas conforme o que conseguimos entender sobre um determinado elemento urbano (Suri, 2005, p. 79 tradução nossa).

Figura 6 - Explorar



(A)Contexto



(B)Análise

Fonte: Acervo pessoal (2023).

O registro da Figura 6(A) foi realizado em frente à rampa do Monumento Os Pioneiros da Borborema onde se observa um caminho de piso intertravado que, em conjunto com os quiosques, as árvores, as mesas e o açude, formam o plano de fundo. O primeiro plano é formado por solo natural com um poste circular de concreto que, além de iluminar a região, serve de apoio para fios de condução elétrica e para atar uma churrasqueira metálica por meio de corrente com cadeado a fim de impedir a possibilidade de furto da churrasqueira (Figura 6B). Durante o período de uso, principalmente durante o dia, foi observado que o artefato é desconectado do poste. A boa iluminação e a afluência de pessoas no local podem ter motivado o proprietário a instalar-se no local e explorar as possibilidades percebidas, como a de segurança obtida na apropriação do poste.

O caso ilustra a exploração dos elementos urbanos por conveniência temporária. Exemplo de como as pessoas percebem a potência de determinados elementos físicos em servir para determinados fins que atendam a um determinado interesse. Explorar as qualidades dos elementos urbanos é uma das atividades mais comuns no cotidiano das cidades.

### 6.5. Adaptar

Dependendo das necessidades imediatas e de nossos objetivos, tendemos a mudar e adaptar a função e o propósito das coisas (Suri, 2005, p. 103 tradução nossa). Essa categoria se refere aos elementos que realizam funções naturais de outros objetos, ou quando são realizadas modificações em sua estrutura para um propósito não previsto.

Figura 7 - Adaptar



(A)Contexto



(B)Análise

Fonte: Acervo pessoal (2023).

Os quiosques na região são pontos de alta atividade, especialmente noturna. A Figura 7(A) retrata a frente de um desses estabelecimentos, visto em primeiro plano um homem sentado em uma cadeira com os pés apoiados em um dos dois carretéis industriais presentes no local. Aqui, os carretéis industriais tem suas funções originais modificadas para as de mesas. A Figura 7(B) mostra que a adaptação do produto original para “mesa” inclui um cano de guarda-sol localizado no centro. As imagens também mostram que a função do carretel/mesa foi ampliada pelo usuário na *affordance* do produto que possibilitou o apoio dos pés.

O caso é relatado como adaptações mostram a presença humana como vetor principal na adaptação do ambiente para as necessidades imediatas. É importante observar que pode ocorrer a identificação da adaptação sem a presença humana. Entretanto, a ação de adaptar se torna mais substancial no processo interativo, portanto de observação da relação direta do indivíduo com as coisas.

## 6.6. Conformar

Aprendemos e reproduzimos padrões de comportamento de outras pessoas (Suri, 2005, p. 125 tradução nossa). Isso ocorre nas repetições de ações de outras pessoas ou no uso de coisas semelhantes às que outras pessoas presentes no local estejam utilizando.

Figura 8 - Conformar



(A)Contexto



(B)Análise

Fonte: Acervo pessoal (2023).

A Figura 8(A) apresenta trecho da orla que possui pista de rolamento, estacionamento, faixa de grama com palmeiras e mobiliário urbano, ciclovia, calçada, barreira. Na Figura 8(B) há pessoas sentadas na barreira, aparentemente realizando atividades isoladas. A situação sugere que, a partir do momento em que uma pessoa sentou no local, foi indicado para as demais que aquele espaço poderia proporcionar aquele tipo de uso e, assim, o comportamento foi replicado.

A situação descrita acima exemplifica atitude de conformação no sentido de agir conforme um determinado padrão de comportamento coletivo observado. Embora originária de uma necessidade prática, a interação caracterizada por conformação pode sugerir que, independentemente das características das coisas, as atitudes dos usuários podem ser motivadas mais por imitação coletiva que por adequação individual.

## 6.7. Sinalizar

Dependendo das circunstâncias, geramos e transmitimos signos, mensagens e comandos tanto para nós mesmos quanto para outras pessoas (Suri, 2005, p. 141 tradução nossa).

Figura 9 - Sinalizar



(A)Contexto



(B)Análise

Fonte: Acervo pessoal (2023).

Em um ponto de ônibus localizado próximo, entre uma ciclovia e uma calçada (Figura 9), há uma pista de rolamento seguida por um edifício que compõe a paisagem. O equipamento é composto por materiais metálicos, um painel de propaganda no lado direito, uma cobertura, sequência de assentos e um painel posterior aos bancos para proteção contra intempéries.

Na Figura 9(B), podemos observar que existem cartazes colados no painel, o que também identifica o artefato na categoria explorativa, mencionado anteriormente neste artigo. Além dos cartazes, o painel possui pichações e escritas diversas, que além de contar algo, aqui podem ser interpretadas como ações que indicam propriedade e personalização do espaço.

A sinalização no ambiente urbano é, principalmente, uma forma de autoproclamação tanto no sentido da representação do sinalizador enquanto usuário, quanto no sentido da propriedade. Parece ser um fenômeno urbano contemporâneo que se estendeu para o que ficou denominado de arte urbana expressa principalmente nas pichações, atos em geral clandestinos.

## 7. Considerações Finais

A pesquisa relatada neste artigo objetivou investigar as interações urbanas por meio da classificação das ações e dos vestígios das pessoas nos elementos, restringidos aqueles presentes na orla Açude Velho, utilizando os conceitos desenvolvidos por Suri (2005). A restrição espacial do estudo, pode limitar a generalização de resultados em replicação com diferentes contextos, tornando necessário um bom levantamento prévio para compreensão de possíveis variáveis. Foi seguido um cronograma para os prazos estabelecidos para a pesquisa. Visando maior variedade de resultados, é indicado a abrangência de datas festivas e que permitam diversos usos.

Por meio de uma abordagem metodológica que envolveu observação, levantamento de dados, classificação e análise de registros fotográficos, buscou-se observar o resultado das interações das pessoas com os elementos urbanos, transformando e modificando suas funções primárias. A análise ocorreu sobre as imagens, tendo sido realizada a fotografia pessoalmente nos locais, proporcionando a observação e registro. Uma vez que o foco é no resultado da ação e não nos motivos e processos de decisão para a ação, a análise da imagem se mostra apropriada pois é

uma técnica largamente utilizada para o estudo de apropriações e ressignificações. Os registros fotográficos representam interações reais. A análise da imagem é uma técnica utilizada para o estudo do sentido e dos significados. Neste caso, a pesquisa justapõe a função do produto (seu sentido) com as possíveis apropriações (ressignificação) de acordo com a necessidade imediata observada.

O estudo contextualizou conceitos relacionados ao espaço público, às atividades humanas e aos usos, destacando as ressignificações decorrentes das apropriações. A pluralidade de usos e serviços presentes no espaço, em conjunto com o alto fluxo de pessoas, resultou na identificação de padrões de comportamento humano e significados atribuídos aos elementos urbanos de forma espontânea e muitas vezes imprevisível. É possível entender que algumas atitudes são reações à falta de apoio e de equipamentos necessários no local. Outras atitudes mostram outra maneira de utilizar o que está em volta, sem haver demanda específica por algum produto. Através do estudo, foi possível compreender a importância das interações humanas no espaço urbano e como elas mudam a configuração e a ressignificação das coisas mediante o uso.

Esse estudo contribuiu para o debate sobre como interações atribuem significados que diferem do esperado. Ao compreender esses aspectos, é permitido observar ações e prováveis necessidades dos usuários no local e como eles agem nesse contexto. Embora o estudo tenha focado em um local específico, o procedimento metodológico pode ser aplicado a outros espaços urbanos. Para a obtenção de maior número de dados na continuidade da pesquisa, é indicado realizar estudos em regiões que apresentam variedades de usos, de atrações e de elementos urbanos.

## Referências

- AGUSTÍ, D. P. I.; LLADÓS, M. G. *The influence of public spaces on emotional states. Journal of Urban Design*, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 73–90, 2022.
- BARROS, T. K. da S. **A representação e a materialidade do Açude Velho em Campina Grande: uma análise a partir da Geografia Histórica**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2017.
- COLLIER, M. *Approaches to analysis in visual anthropology*. In: VAN LEEUWEN, T.; JEWITT, C. (org.). **Handbook of visual analysis**. [S. l.]: SAGE, 2001. p. 35–60.
- DARODA, R. F. **As novas tecnologias e o espaço público da cidade contemporânea**. 2012. 122 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <https://normas-abnt.espm.br/index.php?title=Figuras>.
- GEHL, J. **Cidades para pessoas**. Tradução: Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GEHL, J. **La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios**. Tradução: María Teresa Valcarce. Barcelona: Reverté, 2009.
- GEHL, J.; SVARRE, B. **How to study public life**. Tradução: Karen Ann Steenhard. Washington: Island Press, 2013.
- HASSAN, Z. et al. *The Value Of Unintended Human Behaviour In Everyday Product Design. 24th International Conference on Engineering and Product Design Education*, Londres, 2022. p. 6.
- IPATRIMÔNIO. **Campina Grande – Conjunto do Açude Velho**. [S. l.], 2018. Disponível em:

<https://www.ipatrimonio.org/campina-grande-conjunto-do-acude-velho/#!/map=38329&loc=-7.225453916410936,-35.88006945367576,17>. Acesso em: 10 maio 2023.

JAKAITIS, J.; ZUKAS, J. *Intuitive design potential for optimization of material environment*. **Landscape Architecture and Art**, [s. l.], v. 13, n. 13, p. 81–86, 2018.

KRIPPENDORFF, K. *The semantic turn: A new foundation for design*. Boca Raton: Taylor & Francis Group, 2006.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, S. S. Espaços livres. **Paisagem e ambiente**, [s. l.], n. 7, p. 15–56, 1995.

MAGNOLI, M. M. Espaço livre-objeto de trabalho. **Paisagem e ambiente**, [s. l.], n. 21, p. 175–197, 2006.

NORMAN, D. **O design do dia a dia**. Tradução: Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ROSE, G. *Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials*. 4. ed. Londres: SAGE, 2016.

SURI, J. F. *Thoughtless acts?: observations on intuitive design*. São Francisco: Chronicle Book, 2005.